

## O amor como instinto natural humano e animal nas poesias eróticas de Drummond e Augusto Oliveira

Malena Vidal dos SANTOS<sup>1</sup>  
 Francesco MARINO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta alguns dos principais resultados obtidos do projeto de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq de 2014 a 2015. Tal pesquisa teve como objeto de estudo duas obras literárias, a saber: *Brilho de fogo e outros poemas de amor* (2006) do poeta amapaense Augusto Oliveira e *O amor natural* (1992) de Carlos Drummond de Andrade. Este estudo teve como objetivo, sobretudo, analisar a presença marcante do erotismo literário nas obras, sob o viés da crítica comparatista, a fim de demonstrar como os dois poetas retratam em seus poemas eróticos a faceta do amor como um ato instintivo do ser humano que por vezes versa ao instinto animal. Assim, neste estudo comparado se destacam os críticos de Literatura Comparada e Erotismo e Literatura, respectivamente: Carvalhal (2006) e Silveira (1964); Bataille (1987), Durigan (1986), Marcuse (1975), Vidal (2002) e Sant'Anna (1993). Deste modo, foram selecionados os seguintes poemas de ambos os autores para apontar a concernente comparação do tema desenvolvido nesta análise: *Amor de bicho*, *Brilho de fogo*, *Coruja*, *Mais que nossos corpos* de Augusto Oliveira e os poemas: *Amor – pois que é palavra essencial*, *O chão é cama*, *Sob o chuveiro amar* e *A outra porta do prazer* de Carlos Drummond de Andrade.

**Palavras-chave:** Literatura; Erotismo; Poesias; Comparação.

**Résumé:** Cet article présente quelques-uns des principaux résultats du projet Initiation scientifique PIBIC / CNPq de 2014 à 2015. Cette recherche avait pour objet d'étude de deux oeuvres littéraires, à savoir: *Brilho de fogo e outros poemas de amor* (2006) do poeta amapaense Augusto Oliveira e *O amor natural* (1992) de Carlos Drummond de Andrade. Cette étude vise, avant tout, d'analyser la forte présence de l'érotisme littéraire dans les œuvres, sous la poussée de la critique comparative afin de démontrer comment les deux poètes décrivent dans ses poèmes érotiques, le visage de l'amour comme un acte instinctif de l'être humain parfois de l'animal. Dans cette étude se démarquer par rapport critiques de littérature comparée et de l'érotisme et de la littérature, respectivement: Carvalhal (2006) et de Silveira (1964); Bataille (1987), Durigan (1986), Marcuse (1975), Vidal (2002) et St. Anna (1993). Ainsi, les poèmes suivants de deux auteurs ont été choisis pour ce qui concerne le point de comparaison du thème développé dans cette analyse: *Amor de bicho*, *Brilho de fogo*, *Coruja*, *Mais que nossos corpos* de Augusto Oliveira et les poèmes: *Amor – pois que é palavra essencial*, *O chão é cama*, *Sob o chuveiro amar* et *A outra porta do prazer* de Carlos Drummond de Andrade.

**Mots-clés:** Littérature; Erotisme; Poésie; Comparaison.

### Introdução

O amor em seu estado natural ou em suas diversas facetas

<sup>1</sup> Graduanda em Letras com habilitação em Língua Francesa pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Macapá-AP. Correio eletrônico: malenavds@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Letras. Professor Assistente de Literatura da Universidade do Estado do Amapá – UEAP. Macapá-AP. Correio eletrônico: fbguinness@yahoo.it.

sempre foi o principal alvo de transfiguração amorosa e sexual na literatura, principalmente, na poesia. Assim, este artigo apresenta uma análise de poemas eróticos de dois poetas da literatura brasileira, a saber, do poeta Carlos Drummond de Andrade e do poeta amapaense Augusto Oliveira. As obras literárias escolhidas destes autores, respectivamente, foram: *O amor natural* (1992) e *Brilho de fogo e outros poemas de amor* (2006).

Neste estudo, a finalidade é realizar uma análise da acentuada presença do erotismo literário nas duas obras, utilizando o método comparativo para analisar as diferenças e/ou semelhanças entre os poemas de Drummond e os de Augusto Oliveira.

De acordo com Carvalhal (2006), em linhas gerais, a Literatura Comparada, disciplina que norteia este trabalho, seria uma maneira de confrontar duas ou mais literaturas através de uma investigação metodológica específica. Já Tasso da Silveira (1964, p. 15), em uma acepção mais ampla da disciplina, tanto em aspectos da utilização terminológica quanto a natureza, objetivos e métodos, entende a literatura comparada como “uma comparação a estabelecer. Mas não no sentido que a expressão inevitavelmente sugere ao leigo”. O confronto a ser realizado não tem como fim o apontamento de qual ou quais literaturas ou autores são melhores ou piores. Ou, ainda, se houve plágio ou imitação por parte de algum autor.

Portanto, este artigo objetiva analisar os poemas eróticos dos dois autores citados a fim de demonstrar como ambos abordam, em seus textos eróticos, as faces do amor como um ato instintivo sexual do ser humano que por vezes versa ao instinto animal.

Para isto, foram analisados oito poemas de caráter erótico, a saber, quatro de Augusto Oliveira: *Amor de bicho*, *Brilho de fogo*, *Coruja*, *Mais que nossos corpos* e quatro de Drummond: *Amor – pois que é palavra essencial*, *O chão é cama*, *Sob o chuveiro amar* e *A outra porta do prazer*.

### **Texto erótico, Erotismo e Literatura**

A respeito do conceito de *texto erótico*, Durigan (1986) afirma que há inúmeras definições ao termo, porém ele define como um tecido que possui um conjunto de relações significativas, a fim de organizar uma representação cultural da sexualidade por meio da linguagem. E,

ainda, para este autor:

O texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada. (DURIGAN, 1986, p. 7)

Um texto erótico é, portanto, um texto representativo cuja carga estilística e discursiva direciona os seus múltiplos sentidos a um caminho que transpõe a sexualidade, através de uma representação imagética de signos convencionados a um *erotismo* assinalado por uma postura sociocultural, isto é, trata-se de um texto que fala de sexualidade através da ótica de uma determinada cultura e sociedade. Contudo, há de se frisar que um texto erótico é, por natureza, ousado e inovador nas diversas formas que traduz a sexualidade.

A respeito dessa sexualidade, da paixão amorosa e dos instintos sexuais do ser humano, Freud, segundo Marcuse (1975), assinala como se deu o processo de domesticação do homem e sua sexualidade em meio social, explicitando o percurso desse refinamento cultural da sexualidade até que se possa ter sido inserida em uma civilização.

Freud realçou repetitivamente que as duradouras relações interpessoais de que a civilização depende pressupõem que o instinto sexual é inibido em seus fins. O amor, e as relações duradouras e responsáveis que ele exige, baseiam-se numa união de sexualidade com o "afeto", e essa união é o resultado histórico de um longo e cruel processo de domesticação, em que a manifestação legítima do instinto se torna suprema e suas partes componentes são sustadas em seu desenvolvimento. Esse refinamento cultural da sexualidade, essa sublimação do amor, tem lugar numa civilização que estabeleceu relações possessivas particulares separadas e, num aspecto decisivo, conflitantes com as relações sociais de posse. (MARCUSE, 1975, p. 176)

Sobre essas relações possessivas em uma civilização, é importante acentuar os pontos decisivos na constituição do comportamento sexual humano através de uma dimensão sociocultural, sendo este impulsionado por instintos, porém, diferenciados do instinto sexual animal. Assim, na dimensão sociocultural da sexualidade um

[...] aspecto peculiar do comportamento sexual humano é a considerável redução que nele sofreu o instinto. Há uma redução do controle instintivo-biológico (neuro-hormonal) no que tange à sexualidade humana. O instinto sexual animal age com esquemas rígidos e inatos; tem uma grande segurança com relação ao fim que persegue, não ocorrem a falha nem

a dubitação. Em contrapartida, no homem pode dar-se o "imprevisível". O instinto sexual humano tem uma grande plasticidade, proveniente da redução do controle automático inferior e da presença de um controle superior e mais perfeito (zonas superiores do cérebro). Essa peculiaridade humana faz que a vida sexual no homem possa orientar-se por trilhas de "perversão". (VIDAL, 2002, p. 88)

Diante disso, percebe-se que o homem, diferentemente dos animais, é o único que pode transformar o erotismo em artes, logo, em literatura também.

A produção de obras artísticas de caráter erótico é datada desde os primórdios da história da humanidade. Já nas pinturas rupestres podiam-se observar algumas imagens que retratavam cenas de atos sexuais ou com, pelo menos, leve e moderado teor erótico. Deste modo, vê-se que a temática do erotismo precede a linguagem escrita. O termo **Literatura Erótica** surge apenas mais tarde, no século XVII, vindo a tratar de obras literárias voltadas às temáticas amorosas e sexuais, haja vista que, segundo Bataille (1987), estas duas não se dissociam ao abordar o erotismo. E, ainda, ao mencionar o amor como elemento que compõe o erótico, Bataille (1987) usa também uma diferenciação comum no âmbito amoroso-sexual: a distinção entre sexualidade humana e sexualidade animal.

O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nele nada se abre que se assemelhe com uma questão. (BATAILLE, 1987, p. 20)

Sendo assim, o erotismo é a atividade sexual exclusivamente do homem, diferenciando-se, portanto, da atividade sexual praticada pelos animais e esse ato sexual dos homens não é essencialmente erótico. Este o é sempre que fugir do padrão rudimentar, isto é, quando deixa de ser um ato meramente animal.

No entanto, é necessário que se esclareça, ainda, uma distinção básica entre os termos *Erotismo* e *Pornografia*. Na pornografia, faz-se presente certa interação do leitor por meio da excitação sexual, enquanto que, no erotismo, ainda que se desperte algum entusiasmo ou desejo, este despertar não é o objetivo fundamental do material literário ou artístico, porém há o objetivo de solicitar uma cumplicidade

à distância com o leitor, visando basicamente a um saber do querer, um conhecimento do desejo e do prazer, que no limite constitui uma forma de prazer.

### **O erotismo literário em Carlos Drummond de Andrade**

O erotismo em Carlos Drummond de Andrade marcou uma nova fase em sua obra literária, sobretudo a poesia, ainda que postumamente, levando em consideração que seu único livro de poemas eróticos, **O amor natural**, foi publicado apenas em 1992, cinco anos após a sua morte.

[...] é interessante frisarmos que das 39 composições desta coletânea, *O amor natural*, apenas nove foram dadas ao conhecimento do público leitor, pelo próprio autor, e de forma esparsa. A maioria delas o poeta integrou em *Amor, amores*, antologia publicada em 1975; seis em *Amor, sinal estranho*; e as outras duas em revistas de consumo tipicamente masculinas, *Status, Ele & Ela* e *Homem*. (MOREIRA, 2005, p. 94)

Segundo Sant'Anna (1992, p. 78), **O amor natural** “[...] é um livro inquietante. Inquietante porque nos faz pensar nos limites (quais?) entre a pornografia e o erotismo.” É sabido, contudo, que havia uma preocupação de Drummond em distanciar o seu erotismo literário dos demais temas e escritos pornográficos.

O erotismo de Carlos Drummond de Andrade é, portanto, um erotismo que foge à casualidade estilística da poesia erótica e da vulgarização da atividade sexual reprodutora. Tem-se, nos poemas de Drummond, uma vasta terminologia erótica sinalizada por metáforas e outras construções de estilo da linguagem que evidencia, primordialmente, esta separação entre o erotismo e o pornográfico na literatura.

### **O erotismo literário em Augusto Oliveira**

O poeta amapaense Augusto Oliveira nasceu em Belém do Pará, porém reside na capital do estado do Amapá, Macapá, desde 1987. Augusto Oliveira é doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos; Mestre em Política e Gestão Ambiental, pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade

de Brasília (UNB); Farmacêutico e Bioquímico pela Universidade federal do Pará (UFPA) e Historiador licenciado e Bacharel pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Augusto Oliveira é autor e coautor de diversas obras literárias, dentre elas o livro de poemas eróticos: *Brilho de Fogo e outros poemas de Amor*, publicado pela Editora Scortecci em 2006.

Esta obra poética reúne poemas cuja principal temática é o amor e o erotismo ao qual sucede o ato de amar. Tais poemas, escritos desde os 17 anos de idade do poeta Augusto de Oliveira, têm por intuito expor a percepção do amor, desde seu aspecto mais instintivo ao aspecto sublime ou vice-versa. Ele não trata, assim, de um amor unicamente divino e puro, mas de um amor capaz de ser entregue totalmente aos prazeres carnis. Trata-se, ora, de um amor sublime e por vezes de um querer vadio e devasso. Versa entre o lírico e o erótico. Vai do amor sem compromisso ao amor contratado. Fala da alma e do corpo (em febre) tanto em estado de extrema confusão, quanto em plena convicção diante das paixões carnis.

### **Amor como instinto humano e animal**

O amor como principal vertente do erotismo de Drummond e de Augusto Oliveira se torna, também, um enigma a ser desvendado ao tratar o ato amoroso como um fator instintivo condicionado ao ser humano. Por vezes o homem tende a se comportar como um animal ante a sua atividade sexual de reprodução, porém, em detrimento das normas de civilização, as quais um indivíduo inserido em sociedade tende a obedecer, este mesmo homem dotado de instinto animal é reprimido ao uso constante dos instintos humanos civilizados.

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças. (BATAILLE, 1987, p. 10)

Se os homens e os animais têm em comum a atividade sexual de reprodução e apenas os homens podem fazer desta uma atividade erótica, o homem, em seu constante senso inovador, pode passar

a criar, a partir da base instintiva animal, o ápice do erotismo das palavras representativas em um texto poético. Esta inovação também se vincula às ideias de Bataille (1987) sobre a formação e constituição de um todo na conceituação de **Erotismo**. Para ele, há três formas do erotismo, “a saber: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, finalmente, o erotismo sagrado” (BATAILLE, 1987, p. 13). O erotismo dos corpos e dos corações é aquele no domínio da carne, e por isso a forma mais conhecida e aceita da erotização da atividade sexual. Porém, o erotismo sagrado se torna um tanto complexo de ser tratado no senso comum e, conseqüentemente, torna-se o menos identificável nas composições de cunho erótico-amorosas.

Nos poemas de Drummond e nos de Augusto Oliveira, é possível identificar estas formas de erotismo tanto mescladas quanto separadas, levando um fator crucial na semelhança das obras dos dois poetas: ambos abordam o instinto sexual animal e o instinto sexual humano em seus poemas eróticos.

Têm-se, abaixo, análises de alguns poemas que explicitam esta abordagem nos dois autores.

Começamos pelos poemas: *Amor de bicho*, *Brilho de fogo*, *Coruja*, *Mais que nossos corpos* de Augusto Oliveira, abaixo transcritos.

*Amor de bicho*

Quisera eu te amar feito bicho:  
Sem culpa,  
Sem medo,  
Sem compromisso.

Pudera eu te amar feito bicho:  
Sem escrúpulo,  
Sem pudor,  
Sem capricho.

Quem me dera te amar  
Despido de tudo:  
Minha pele na tua,  
Na frente dos outros,  
No meio da rua.

Neste poema, o eu lírico lamenta não poder amar sua musa como se fosse um “bicho”, isto é, como um animal com instintos devassos que não questionam compromissos, abstém-se de culpas, medos, escrúpulos. Ele afirma querer amá-la “despido de tudo”, tanto dos sentimentos citados nas primeiras estrofes quanto em um sentido

literal: sem roupas, pele a pele. E acrescenta, ainda, seu desejo involuntário, tal como o dos animais, de realizarem suas manifestações sexuais em público.

*Brilho de fogo*

Brilho de fogo  
-beija-flor-  
Beijava na serra  
A sépala da flor.  
E com que criterioso carinho!

Fosse eu  
Na tua blusa aberta  
Bejaria teu mamilo,  
Tua aréola,  
Mas sem que se esperasse de mim  
A necessária delicadeza  
De passarinho!

Neste poema, semelhante ao primeiro analisado, o eu lírico se transforma novamente em um animal, desta vez especificando que se trata de um beija-flor da espécie brilho de fogo. Como característica básica das atividades realizadas por esta espécie animal, o beija-flor se alimenta do néctar das flores.

Assim, para o poeta, metaforicamente, a flor é sua musa, a mulher amada, e o néctar faz alusão ao seu sexo do qual ele se alimenta. Chegada a esta verificação, levando em conta as outras metáforas utilizadas pelo poeta neste poema, como: beija-flor (o homem), serra (corpo da mulher), sépala (vagina), observa-se que o poeta cria um jogo amoroso em que o eu lírico se veste de animal para seduzir sua presa, a mulher desejada, através da delicadeza de um beija-flor, e logo em seguida assume seu papel de macho e homem ao mesmo tempo, deixando, a partir de então, a "necessária delicadeza de passarinho" e partindo ao instinto sexual humano, que agora se mostra com menos limites e destrezas do que o instinto sexual animal.

*Coruja*

Minha coruja  
É noite de lua  
Rasga tua mortalha  
Que te quero nua.

Este texto erótico traz uma carga metafórica ainda maior ao esboçar a sexualidade apenas por meio do uso de uma construção

habitualmente animal. Onde se lê “coruja”, entende-se uma referência à mulher desejada pelo eu lírico. E através desta incorporação de um discurso camuflado é que se pode obter as marcas de um erotismo ingênito e instintivo.

*Mais que nossos corpos*

Na minha cama, és mais que um corpo deitado.  
É mais que transar deitado em teu corpo.  
Na minha cama  
Devoro teu corpo  
Teu consentimento  
Teu desacordo  
Teu comportamento  
E até um pouco da tua alma.  
E me dou por bastante devorado.

Na minha cama,  
Nos relacionamos, um com o outro,  
- idas e vindas, tratos e trocas -  
Transando nossos desejos,  
Materializando um desejo após o outro,  
Nós dois, juntos, trepados em nossos corpos.

Já neste último poema do grupo de textos eróticos do Augusto Oliveira, o eu lírico do poeta se declara na condição de homem, unicamente. Mas tal instinto sexual humano é denotado pelo desejo voraz e incontrolável de devorar seu objeto de desejo, que neste caso é uma mera criatura passiva em sua cama. E assim sendo dotado de luxúria, o eu lírico a devora sem seu consentimento, ou seja, é capaz de devorá-la até mesmo se esta não estiver de acordo.

Contudo, seduzida a musa desejada, como já foi explícito na última estrofe, o eu lírico passa a tratá-la não apenas como um ser passivo, mas como se ambos estivessem em um jogo de “tratos e trocas”, onde ambos se relacionam e “transando seus desejos, / materializando um desejo após o outro” se unem a um mesmo fim.

Estas marcas de instintos em textos eróticos são destacadas, também, nos poemas: *Amor – pois que é palavra essencial*, *O chão é cama*, *Sob o chuveiro amar* e *A outra porta do prazer*, de Carlos Drummond de Andrade.

*Amor – pois que é palavra essencial*

Amor - pois que é palavra essencial  
comece esta canção e toda a envolva.  
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia,

reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?  
Quem não sente no corpo a alma expandir-se  
até desabrochar em puro grito  
de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutro corpo entrelaçado,  
fundido, dissolvido, volta à origem  
dos seres, que Platão viu contemplados:  
é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?  
Onde termina o quarto e chega aos astros?  
Que força em nossos flancos nos transporta  
a essa extrema região, etérea, eterna?

Ao delicioso toque do clitóris,  
já tudo se transforma, num relâmpago.  
Em pequenino ponto desse corpo,  
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.

Vai a penetração rompendo nuvens  
e devassando sóis tão fulgurantes  
que nunca a vista humana os suportara,  
mas, varado de luz, o coito segue.

E prossegue e se espraia de tal sorte  
que, além de nós, além da própria vida,  
como ativa abstração que se faz carne,  
a idéia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,  
menos que isto, sons, arquejos, ais,  
um só espasmo em nós atinge o clímax:  
é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,  
no úmido subterrâneo da vagina,  
nessa morte mais suave do que o sono:  
a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,  
estendidos na cama, qual estátuas  
vestidas de suor, agradecendo  
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

Em "Amor - pois que é palavra essencial", o poeta dita um amor transcendente que chega a ser divinizado. Faz do amor, o eu lírico na própria voz do poeta, o guia dos seus versos; em seguida, questiona-se se este amor é só alma ou se envolve o corpo também, destacando, assim, a provável presença de mais de uma forma de erotismo neste poema.

Por um lado, há um erotismo dos corpos em que “o corpo noutro corpo entrelaçado” volta às origens dos seres “que Platão viu contemplados” no discurso de Aristófanes (PLATÃO, 1991), a respeito do mito das almas gêmeas, em que dois corpos são separados durante uma batalha com Zeus e são lançados na terra aleatoriamente, onde passam a vida tentando se encontrar; no caso descrito no poema, estes se encontram e se fundem durante a sua erotização, chegando ao ponto de se tornarem dois em um.

Por outro lado, há um erotismo dos corações onde o corpo não é único cenário da atividade sexual reprodutora, mas que vai além e que busca as dimensões emocionais do coração humano. Os versos: “Vai a penetração rompendo nuvens / e devassando sóis tão fulgurantes / que nunca a vista humana os suportara” demonstra bem essa busca pelo que vai além da visão humana, ao que é inexplicável pelo homem.

E, assim, não mais partindo do carnal, o ato sexual passa de uma “ativa abstração que se faz carne” ao amor divinizado, e neste instante, ao se alcançar o clímax “é quando o amor morre de amor” e se transfigura em algo “divino”.

*O chão é cama*

O chão é cama para amor urgente,  
Amor que não espera ir para a cama.  
Sobre o tapete ou duro piso, a gente  
Compõe de corpo e corpo a úmida trama.

E para repousar do amor, vamos à cama.

Neste poema, a evidente sublimação do amor é também alvo de encaminhamento ao comportamento que o homem tem frente aos seus desejos desesperadores. Sendo, portanto, um “amor urgente”, tomado pela pressa da volúpia. E já que este “Compõe de corpo e corpo a úmida trama”, ou seja, a atividade sexual de reprodução, a forma do erotismo em questão é o erotismo dos corpos, na manifestação unicamente carnal.

*Sob o chuveiro amar*

Sob o chuveiro amar, sabão e beijos,  
ou na banheira amar, de água vestidos,  
amor escorregante, foge, prende-se,  
torna a fugir, água nos olhos, bocas,  
dança, navegação, mergulho, chuva,  
essa espuma nos ventres, a brancura

triangular do sexo — é água, esperma,  
é amor se esvaindo, ou nos tornamos fontes?

Neste poema se tem uma atividade sexual explícita, “Sob o chuveiro amar” remonta um amor que novamente se manifesta de forma sublime e o erotismo nele se expressa nas atividades, por excelência, humanas, tendo os seus desejos ditados, sobretudo, por meio de uma desenvoltura civilizada.

*A outra porta do prazer*

A outra porta do prazer,  
Porta a que se bate suavemente,  
Seu convite é um prazer ferido a fogo  
E, com isso, muito mais prazer.  
Amor não é completo se não sabe  
Coisas que só o amor pode inventar.  
Procura o estreito átrio do cubículo  
Aonde não chega a luz, e chega o ardor  
De insofrida, mordente  
Fome de conhecimento pelo gozo.

Neste poema erótico, é possível destacar uma forma instintiva na qual o eu lírico busca a inovação do ato sexual “Amor não é completo se não sabe / Coisas que só o amor pode inventar”, referindo-se a um amor que pode alcançar ainda mais do que o instinto humano já alcançou, busca “um prazer ferido a fogo” no “estreito átrio do cubículo”, trazendo à tona, assim, uma discussão a respeito de sodomizar os corpos e da “Fome de conhecimento pelo gozo”, reconhecido através das metáforas utilizadas neste texto erótico, a saber, “outra porta do prazer” (ânus), “estreito átrio do cubículo” (canal anal).

### **Considerações Finais**

As análises realizadas neste artigo, abordando a temática amorosa em textos eróticos, foi uma maneira de demonstrar como os sentimentos humanos, tais como o amor, o desejo sexual e o afeto são retratados na literatura, que, de certa forma, é uma analogia aos comportamentos humanos.

Considerando as três formas do erotismo citadas por Bataille (1987): o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado, os poemas foram analisados e classificados, quando possível, dentro de uma das três formas ou em mais de uma.

Dos oito poemas analisados, sendo quatro de cada autor, apenas um destaca a forma de erotismo sagrado, a saber, o poema "Amor - pois que é palavra essencial", sendo esta a forma menos comum de representação do amor dentro de um texto erótico.

Quanto aos demais, foram classificados no erotismo dos corpos e erotismo dos corações. Esta constatação infere que, do grupo escolhido para as análises de poemas eróticos neste trabalho, sendo a maioria dos poemas eróticos impulsionados pela representação de um amor carnal, o corpo se mostra como principal motivador dos instintos sexuais humanos mesmo que tal instinto por vezes se mescle aos impulsos do sexo animal.

Sendo, portanto, o texto erótico um texto representativo, tanto os poemas de Drummond quanto os textos eróticos de Augusto Oliveira são marcados pela representação de um instinto sexual amoroso e, simultaneamente, sem escrúpulo e despreocupado com as normas regidas pela sociedade vigente.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural**. Ilustrações de Milton Dacosta. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BATAILLE, George. **O Erotismo**. 2.ed. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MOREIRA, Nadilza M. de B. **Drummond e a erotização poética do feminino**. João Pessoa: Graphos. Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, Vol 7, N. 2/1, 2005 – p. 93-98.

OLIVEIRA, Augusto. **Brilho de fogo e outros poemas de amor**. Ilustrações de Ana Kelen. São Paulo: Scortecci, 2006.

PLATÃO. **Banquete**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1991.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O erotismo nos deixa gauche? In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural**. Ilustrações de Milton Dacosta. 3. ed.

Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 77-84.

SILVEIRA, Tasso da. **Literatura Comparada**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1964.

VIDAL, Marciano. **Ética da sexualidade**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Recebido em: 21 de set. de 2015.

Aceito: 27 de jun. de 2016.